



O «mistério do corpo falante»

Il «mistero del corpo parlante»

Le «mystère du corps parlant»

The «mystery of the speaking body»

El «misterio del cuerpo hablante»

Com *lalíngua* no corpo

O corpo é o eu, imaginário, constituído pela imagem especular através do espelho dos ideais do Outro. O corpo é tecido de linguagem, pois ele se incorpora ao grande Outro que é o primeiro corpo, prévio, que é o corpo simbólico, lugar da linguagem que não se distingue do lugar do Inconsciente. O corpo humano traz uma marca própria que o permite colocar-se numa cadeia significativa. O corpo, portanto, tem forma e está no espaço, aparece no espelho e pode ser tocado, manipulado como o corpo de qualquer objeto e pode ser partido, despedaçado. O corpo tem nome, assim como suas partes como o demonstra a anatomia. O corpo imaginário e simbólico não é necessariamente o corpo vivo, pois, o cadáver também tem essas características.

O que confere a vida ao corpo é a pulsão – eco no corpo do dizer do Outro. Assim, o corpo é a tela da pulsão escópica – como se pode ver cada vez mais hoje em dia com a moda da tatuagem e o *body art* no campo das belas artes. A face deixou de ser o lugar único para a pintura corporal. Dos caras pintados, como derivação da maquiagem passamos aos troncos pintados, braços pintados, bundas pintadas, etc. A tatuagem mostra o corpo tela para a pintura do olhar do Outro. O corpo também é o tambor da pulsão invocante que dele faz um corpo dançante. A música do Outro, a que chamamos de voz, entra no corpo e o faz dançar desde um simples tamborilar dos dedos até o teatro-dança da Pina Bausch. O corpo tem balanço –balanço do mar como dizia Vinicius de Moraes– mas esse balanço são as ondas sonoras que o poeta captou na música que fazia a garota de Ipanema balançar seu corpo a caminho do mar.

O Outro da linguagem tem corpo, mas não existe. O que confere existência ao corpo humano é o gozo, para Lacan, é a relação do ser falante com o seu corpo. O ser humano é um “corpo falante”. E esse corpo é sede de *lalíngua*. Só através dela é que a linguagem existe para fazer falar um corpo que goza. E é através do sintoma que *lalíngua* –ou seja daquilo da língua materna que se deposita no corpo como gotas de gozo para um ser humano– faz do corpo um corpo falante. O corpo como organismo é sede de *lalíngua*.

Lacan brinca, no Seminário 20 –*Mais ainda [Encore]*–, com as palavras da língua francesa para evocar a diversidade das explicações sobre o corpo e ironiza a neuropsiquiatria: «quando se supõe um pensar secreto, o corpo produz secreções; quando se supõe um pensar concreto, ele produz concreções»¹.

Assim o corpo *lalinguageiro* é o corpo do ser falante, o corpo do *falasser*, aquele que está preso e determinado pelos significantes da língua materna que se depositaram para aquele sujeito produzindo secreções, concreções, em suma, *sinthomas*. É o «corpo falante», o corpo da *linguisteria*, ou seja, dessa padaria ou marcenaria de língua onde se fabricam os corpos humanos. Portanto o corpo falante é *linguístico*, sede de *lalingua* que se corporifica no *sinthoma* como um acontecimento do corpo. O *sinthoma* é a marca deixada pela chuva de letras de *lalíngua* no corpo.

«Aprende-se a falar e isso deixa marcas [...] conseqüências que não são outra coisa senão o *sinthoma*.[...] A análise consiste em dar-se conta que temos esses *sinthomas*»². O *sinthoma* como letra á a marca de *lalíngua* no corpo, marca que, como um umbigo, une o corpo falante ao Outro da linguagem. Esse umbigo, nome do real do inconsciente em Freud, é um mistério –mistério do corpo falante que uma análise não só permite ao sujeito dele dar-se conta como também lidar com ele– ao pé da letra.

Antonio Quinet, Rio de Janeiro, 11.02.2010

¹ J. Lacan, Le Séminaire livre XX, *Encore*, Seuil, Paris, 1975, p. 100.

² J. Lacan, Le Séminaire livre XXV, *Le moment de conclure*, séance du 10/1/1978, inédit.